

TURISMO LITERÁRIO: UMA FORMA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO E DA CULTURA LOCAIS

LITERARY TOURISM: A WAY OF ENRICHING THE LOCAL HERITAGE AND CULTURE

Anabela Naia Sardo* (asardo@ipg.pt)

RESUMO

Este artigo pretende reflectir sobre a relação entre a cultura, o património literário e o turismo e sobre a utilização do património literário como atractivo turístico. As obras literárias e as imagens ficcionadas podem ser utilizadas para valorização da cultura local e para o desenvolvimento do chamado “turismo literário” em Portugal, à semelhança do que se faz noutros países.

Palavras-chave: Turismo cultural; Turismo literário; Viagens literárias; Sítios literários.

ABSTRACT

This article aims at reflecting on the relation between culture, literary heritage and tourism and on the use of literary heritage as tourist attraction. Literary works and fictional pictures can be a way of enriching the local culture and developing the so-called “literary tourism” in Portugal and similarly in other countries.

Keywords: Cultural Tourism; Literary tourism; Literary journeys; Literary places.

“Se algum dia for a Roma, hei-de entrar na cidade eterna com o meu Tito Lívio nas algibeiras do meu paletó. Ali, sentado naquelas ruínas imortais, sei que hei-de entender melhor a sua história, que o texto dos escritores se me há-de ilustrar com os monumentos de arte que os viram nascer (...)”.

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Cap. XXVI.

* Anabela Oliveira da Naia Sardo, Professora Adjunta de Nomeação Definitiva, docente e Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Turismo e Telecomunicações de Seia do Instituto Politécnico da Guarda. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Variante de Estudos Portugueses e Franceses e Mestre em Estudos Portugueses pela Universidade de Aveiro, encontra-se a desenvolver um projecto de doutoramento no âmbito da Literatura Portuguesa.

1. INTRODUÇÃO

Por ocasião do XXII Dia Mundial do Turismo, em 2001, que teve por tema "O turismo, um instrumento ao serviço da paz e do diálogo entre as civilizações", o Santo Padre João Paulo II chamou a atenção para o facto de as viagens e o turismo serem oportunidades para o diálogo entre as civilizações e as culturas e um precioso serviço à paz.

Referia, ainda, que a própria natureza do turismo inclui algumas circunstâncias que predispõem para este diálogo. De facto, na prática do turismo, torna-se possível uma interrupção da vida quotidiana, do trabalho, das obrigações a que somos necessariamente compelidos. Nesta situação, o homem consegue *"considerar com olhos diferentes a própria existência e a dos outros: libertado das ocupações quotidianas, ele tem a oportunidade de redescobrir a própria dimensão contemplativa, reconhecendo os vestígios de Deus na natureza e sobretudo nos outros seres humanos"* (João Paulo II, 1996: 1).

O turismo põe o Homem em contacto com as outras formas de viver, com outras religiões, com outras maneiras de ver o mundo e a sua história. *"Isto leva-o a descobrir-se a si mesmo e aos outros, como indivíduos e como colectividade, imersos na vasta história da humanidade, herdeiros e solidários de um universo familiar e ao mesmo tempo desconhecido"* (João Paulo II, 1996: 1). Emerge, assim, uma nova forma de encarar os outros, que liberta do risco de permanecer fechado em si próprio.

Analogamente ao acto da leitura, o acto de viajar permite ao Homem, transformado agora em viajante, descobrir outros lugares, novas cores, formas diferentes, modos diversos de sentir e viver a natureza; moldar o seu olhar a outras imagens, aprender novas palavras, apreciar a diversidade de um mundo que ninguém pode cingir completamente. Neste empenho, aumentará, sem dúvida, a sua consideração por tudo o que o circunda e a consciência de que é necessário proteger esse todo.

Em vez de permanecerem fechados na sua cultura, os povos são convidados, hoje mais do que nunca, a abrirem-se a outros povos, confrontando-se com os diversos modos de pensar e de viver. Nesta perspectiva, o turismo constitui uma ocasião propícia para o diálogo entre as civilizações, porque evidencia as riquezas que distinguem uma cultura de outra. As viagens e a actividade turística favorecem, ainda, a recordação de uma memória viva da história e das tradições sociais, religiosas e espirituais.

Por outro lado, a luta contra a pobreza é um dos desafios cruciais que a comunidade internacional enfrenta no século XXI. Ao seleccionar temas como “a luta contra a pobreza”, “a criação de emprego” e “a harmonia social” para a comemoração do Dia Mundial do Turismo em 2003, a 14ª Assembleia Geral da OMT (Organização Mundial do Turismo) expressou firmemente a vontade e a necessidade ética de apoiar uma das questões fundamentais colocadas pelas Nações Unidas, ao mesmo tempo que chama à atenção para o turismo como um instrumento positivo para a redução da pobreza mundial, a criação de oportunidades de emprego, bem como a sua contribuição para a harmonia social.

Como sector fundamental da economia, o turismo contribui para o desenvolvimento social e económico dos países receptores e das suas comunidades locais, combatendo o desemprego através da criação directa e indirecta de empregos. Contribui, também, de forma significativa, para o desenvolvimento rural, sobretudo de áreas empobrecidas pelo declínio das actividades agrícolas tradicionais, e de locais periféricos onde vivem as populações mais pobres dos países em desenvolvimento.

Na perspectiva do desenvolvimento dos países, especificamente no que diz respeito a zonas mais desfavorecidas, como as zonas interiores e rurais, o património cultural, nomeadamente o “literário”¹, pode desempenhar um papel fundamental, promovendo a criação de novos empregos e o desenvolvimento da harmonia social. Do mesmo modo, o chamado “turismo literário” poderá contribuir para o enriquecimento cultural dos países e dos seus povos, possibilitando a recuperação e revitalização de sítios que, de outra forma, estariam votados ao abandono e ao esquecimento.

2. LITERATURA E TURISMO: ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

A viagem, tal como afirmam Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (s/d: 691), exprime “*um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas*”, mais do que de deslocação local. Esse desejo íntimo e intenso marcou, desde sempre, o Homem, que, não podendo, por vezes, fazer viagens na realidade, o fez, em alternativa, através da escrita.

¹ Squire (1996: 119) usa a expressão *literary heritage*.

A ideia de viagem, que sempre seduziu o Homem, inspirou, ao longo dos tempos, textos fascinantes, envolvidos numa aura de mistério inusitado e exotismo que deslumbram o leitor contemporâneo e vão ao encontro da eterna necessidade da procura que existe em cada um de nós.

Ao relermos os mais belos textos da literatura dita de viagem, mas também outros que se serviram das grandes paisagens, das cidades históricas e dos ambientes de charme como pano de fundo ou, ainda, aqueles que nos trazem à lembrança os locais por onde deambularam os escritores da nossa predilecção, somos impelidos a partir em busca desses destinos extraordinários. Ler dá, aos leitores de Ernest Hemingway, a vontade de partir para Cuba e descobrir o paraíso e a serenidade na terra onde o autor escreveu *O Velho e o Mar*; aos admiradores de Franz Kafka, o desejo de descobrir a histórica e belíssima cidade de Praga; aos devotos de Victor Hugo, o fascínio de passar um fim-de-semana de Primavera na doçura das ilhas anglo-normandas; aos apaixonados de Camilo, Eça, Pessoa ou Saramago, a vontade de descobrir os lugares onde viveram/vivem e escreveram/escrevem ou aquelas paisagens que serviram de cenário aos seus textos. Referem-se estes exemplos, aleatoriamente escolhidos de entre uma lista de nomes, livros e lugares que poderíamos mencionar numa associação quase inesgotável.

Ao longo de algumas narrativas, dos percursos das personagens, das considerações do narrador, da descrição dos espaços físicos, sociais e psicológicos, vai o leitor resgatando, pela memória individual das personagens e dos narradores (ou dos narradores/personagens), as paisagens, a História e as histórias, as lendas, os mitos e as tradições que compõem o património histórico-cultural dos locais que inspiraram o espaço físico onde as acções ficcionais se desenvolvem. Através dos textos, o leitor reconstrói, a partir da memória individual, a memória colectiva.

Entre as áreas da Literatura e do Turismo justificam-se, deste modo, estudos interdisciplinares. Ler faz-nos viajar na imaginação e impele-nos, também, a tornarmo-nos “viajantes” (Cunha, 2001: 17) reais em busca desses lugares que a ficção recriou e que as palavras transformaram em imagens interiores. Lemos e sentimos vontade de partir em busca das emoções despertadas.

As palavras dos poetas e dos escritores levam-nos, por um lado, a destinos longínquos, míticos e exóticos, mas seduzem-nos, também, na descoberta do país onde vivemos, das suas paisagens, regiões, cidades, locais e gentes que animaram os seus textos. E é

assim que, por exemplo, ao lermos as *Viagens na Minha Terra* de Garrett, ficamos impressionados pela visão romântica da lezíria ribatejana e somos assaltados pela vontade de descobrir ou redescobrir o gosto pela terra, pela arte, pelo folclore e pelas tradições portuguesas, e especificamente pelo valor patrimonial de Santarém. O Porto vem-nos à ideia quando lemos *O Arco de Santana*, e uma visita ao Teatro Nacional D. Maria II será, ao mesmo tempo, um prazer e uma homenagem ao autor. Ao saborearmos *Os Maias* ou *O Mistério da Estrada de Sintra*, de Eça de Queirós, encontramos a possibilidade de regressar à Sintra dos finais do século XIX, mas também a vontade de conhecer a Sintra dos nossos dias. Em *A Cidade e as Serras*, ficamos a conhecer Paris, na pele de Jacinto, mas também chegamos ao Douro, quando o herói, entediado do progresso, resolve ir viver para a quinta de Tormes. E a visita a esse lugar torna-se imprescindível. Com o genial escritor, vamos pela cidade e pelas serras, voando por um Portugal tão semelhante ao de hoje. Ao percorrermos as páginas de Aquilino Ribeiro, recordamos o campo e a vida rural da província, num regresso ao passado. Quando lemos *O Malhadinhas*, *Andam Faunos pelos Bosques* ou *Terras do Demo*, encontramos as memórias dos tempos remotos, profissões e costumes já extintos, figuras típicas, e deparamo-nos, também, com a paisagem beirã. E é nesse momento que nos apetece viajar pela Beira Alta, que, nas palavras do autor, não tem “símile no Mundo”. Ao folhearmos José Cardoso Pires, embrenhamo-nos na História de um Portugal cinzento ao mesmo tempo que descobrimos a Lisboa que tão bem descreveu e amou. Ou, ainda, mais um entre tantos exemplos possíveis, ao relemos Miguel Torga, que escreveu com o vocabulário, a métrica e a musicalidade da terra, somos levados a encontrar a poção mágica que nos faz querer descobrir uma jóia (ainda) bem guardada: Trás-os-Montes.

Miguel Torga acreditava que sempre tinha havido, e haveria, “reinos maravilhosos neste mundo”, e dizia que o que era preciso, para os ver, era que os olhos não perdessem a virgindade original diante da realidade, e o coração não hesitasse. As “viagens literárias” podem levar-nos a descobrir, ver e amar “esses reinos maravilhosos,” tantas vezes esquecidos em recantos longínquos e pouco visitados. Essas viagens, que são motivadas pelo deleite literário, enquadram-se no contexto do turismo cultural ou de “fruição cultural” (Runa e Rodrigues, 1998: 93) que se baseia em produtos turísticos concebidos na base da valorização do património cultural.

Não é fácil conseguir encontrar uma definição única e completa de turismo cultural, nem é nosso propósito fazê-lo, de forma

aprofundada, no âmbito deste artigo. Esta dificuldade advém do facto de que não se torna evidente definir os conceitos que lhe são subjacentes, como os de cultura e turismo, e, depois, proceder à articulação dessas enunciações.

O turismo cultural começou a ser reconhecido como uma categoria de produto turístico distinta nos finais dos anos setenta. Nessa altura, percebeu-se que algumas pessoas viajavam *“especificamente com o objectivo de conhecer a cultura ou o património de um dado destino”* (Henriques, 2003: 48). Contudo, como afirmam Mckercher e Cross (2002), citados por Henriques (2003: 48), é apenas com *“a fragmentação do mercado de massas nos anos 90 que o turismo cultural começa a ser reconhecido por aquilo que ele é: uma actividade de mercado de elevado perfil.”*

Para a questão em causa – turismo literário como uma forma de turismo cultural – parece-nos fundamental recordar o que diz a Carta do Turismo Cultural² (CTC, <http://www.icomos.org/tourism/>, 8/09/2006). Neste documento, o turismo cultural é entendido como uma forma de turismo que tem por objecto, entre outros objectivos, a descoberta dos monumentos e dos lugares (CTC: I. 3.). As definições avançadas por Richards (1996), citado por Henriques (2003: 49), no contexto do projecto de investigação no domínio do turismo cultural pela *Association for Tourism and Leisure Education* (ATLAS), são também importantes no âmbito da nossa reflexão. Este autor apresenta uma definição conceptual e uma definição técnica de turismo cultural. A primeira refere o turismo cultural *“como o movimento de pessoas para atracções culturais fora do seu local normal de residência, com a intenção de compilar novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais”*. A segunda apresenta esta forma de turismo como *“o movimento de pessoas para atracções culturais específicas, tais como lugares de património, manifestações culturais e artísticas, de arte, drama para fora do seu local normal de residência”*. Como se pode ver, a definição técnica põe a tónica na motivação subjacente à deslocação. Henriques (2003: 48) continua, citando Richards (2000), para dizer que o turismo cultural abarca não só produtos culturais do passado, como também da cultura contemporânea.

O “turismo literário” será, então, um tipo de turismo cultural que tem a ver com a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos. O “turista literário” interessa-se, por exemplo, pela forma como os lugares influenciaram a

² Esta Carta foi adoptada, em Novembro de 1976, pela *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS).

escrita e, ao mesmo tempo, como a escrita criou determinados lugares. O “turista literário” é aquele que pega num livro (romance, conto, novela, poesia) e parte à procura dos “sítios literários”. No entanto, é preciso dizer que, em alguns países (como a França, a Irlanda, a Espanha, a África do Sul, entre outros) existem já guias, mapas e *tours* literários que orientam este tipo de turistas nas suas “viagens literárias”. O que fizeram os responsáveis desses países foi valorizar, em termos turísticos, determinados lugares que, de uma maneira ou de outra, estão ligados à vida e obra de autores consagrados. Ao desenvolverem estes projectos, estão a preservar e a promover lugares que poderiam cair no esquecimento ou, até mesmo, desaparecer.

A melhor forma de preservar o património cultural é conhecê-lo, promovê-lo e divulgá-lo. Nesse sentido, algumas iniciativas são fundamentais (Costa, 1998: 113), como, por exemplo, promover o turismo local, preservar por reanimação, sensibilizar a população, implicar a escola, proteger as artes e os ofícios tradicionais, criar museus locais, entre outras.

A congregação de esforços, no âmbito desta atitude face ao património cultural, requer a intervenção regional e local no sentido de promover o desenvolvimento de um turismo equilibrado, sustentado e assente na valorização de recursos endógenos. A literatura nacional e os seus escritores podem ser um dos pontos de partida para o desenvolvimento de iniciativas que atraiam turistas para determinadas regiões e essas viagens e actividades contribuirão para despertar o desejo de procurar os livros ou a eles regressar de novo.

Atingem-se, assim, dois objectivos complementares, fundamentais: desenvolver o turismo em regiões onde tal facto, de outra forma, talvez nunca ocorresse, e promover a leitura e o conhecimento dos grandes vultos da literatura nacional.

Conhecer a vida dos escritores, descobrir as convulsões dos seus pensamentos, reler as frases que imprimiram para todo o sempre faz-nos querer passar dos livros para a descoberta dos lugares onde se movimentaram, desperta a vontade de explorar aqueles espaços que as suas histórias imortalizaram.

Lembre-mo-nos, a este propósito, que foi a Literatura que consagrou a expressão turista (do inglês, *tourist* -1800). Esta expressão generalizou-se a partir da publicação de *Mémoires d'un Touriste*, de Stendhal em 1838. Em Portugal, Eça de Queirós usou a palavra na forma francesa no seu romance *Os Maias*, editado em 1888. Só a partir do início do século XX a palavra apareceu na língua portuguesa (Cunha, 2001: 15).

3. VIAGENS LITERÁRIAS: LER E PARTIR...

Como afirma Florence Lignac (2003), contrariamente ao que se pensa, as viagens “peregrinações literárias”³ ou visitas às “casas de escritores ou de homens célebres” não são criações recentes. Diversos lugares abertos ao público, assim como numerosos textos, testemunham e atestam, desde os finais do século XIX, o interesse por estes lugares de memória. Mesmo em Portugal, a existência de casas-museu de escritores também data de há já alguns (largos) anos, como é exemplo a Casa-Museu de Camilo Castelo Branco, em S. Miguel de Seide⁴, por exemplo.

3.1. TURISMO LITERÁRIO NO ESTRANGEIRO

A questão mais inovadora é a tomada de consciência, por parte dos lugares considerados literários, da sua importância na paisagem cultural do país.

Uma reflexão comum, por exemplo, num país como a França tem vindo a definir e a organizar, através de uma série de estudos e encontros da especialidade, o papel a desempenhar por esses sítios. Diferentes projectos e personalidades levaram à criação de duas associações que, desde 2001, têm vindo a trabalhar em conjunto. Uma é *L'Association Française des Maisons d'Écrivain* (AFME) e a outra *La Fédération des Maisons d'Écrivains & Patrimoines Littéraires*. A missão da federação tem sido reagrupar as casas de escritores dispersas (casas com ou sem colecções de objectos ou acervos literários), patrimónios literários (colecções de livros, manuscritos e arquivos literários em bibliotecas ou centros de investigação), associações dos amigos de escritores (gerindo ou não colecções, publicando ou não trabalhos de pesquisa), entre outras actividades.

Projectos como os que acabámos de exemplificar são fundamentais para o desenvolvimento do chamado “turismo literário”, que inclui a visita aos “sítios literários”.

Na base da criação do que um grupo de franceses chamou, já em 1987, “viagens literárias” (<http://asp.terresdecrivains.com>),

³ Florence Lignac usa apenas a expressão (bem mais sugestiva) de peregrinações literárias, “pèlerinages littéraires”.

⁴ Seide apresenta também a grafia Ceide.

1/02/2005) terá estado, também, a ideia de partir, após a leitura das obras de autores consagrados.

Relendo alguns textos literários que sugerem paisagens insólitas e incomparáveis, cidades históricas e cenários encantadores, três jovens especialistas tiveram a ideia de criar uma associação com o nome de *Lire et Partir* (Ler e Partir). Durante dois anos, realizaram, de uma forma um tanto artesanal, cerca de cinquenta viagens literárias que tiveram um enorme sucesso. Por esse motivo, decidiram associar-se à agência de viagens *Expantour* e constituíram um novo grupo a que deram o nome de *Voyages et Créations*. Este grupo propunha, em datas fixas, expedições literárias que eram acompanhadas por um especialista, capaz de fazer partilhar a sua ciência e a sua paixão, e podiam durar apenas um dia, um fim-de-semana, uma semana ou um período de tempo ainda mais longo.

Cerca de meia centena de autores (desde poetas e escritores do século XVII até aos contemporâneos) serviu de fio condutor para as viagens⁵. Alguns nomes, como Marcel Proust ou Honoré de Balzac, para referir apenas dois, eram um verdadeiro chamariz. Graças a este tipo de iniciativas, algumas regiões francesas, muitas vezes injustamente ignoradas, foram valorizadas e ganharam nova vida graças ao sopro apaixonado dos escritores.

Mas as viagens literárias propostas pelo grupo *Voyages et Créations* não se circunscreviam ao território nacional. Propunham-se, também, pequenas semanas literárias no estrangeiro, que tiveram enorme sucesso. Essas viagens procuravam responder às expectativas de um público que desejava encontrar razões para ir ou regressar aos locais de eleição dos escritores. Assim, apresentavam, para a Primavera, a Castela de Cervantes e, para o início do Verão, o Yorkshire das irmãs Brontë. Sugeriam, também, por exemplo, uma descoberta outonal do velho sul da América do Norte tão querido aos escritores William Faulkner e Tennessee Williams. E, ainda, para terminar o ano, por volta de Dezembro, um “especial URSS”⁶ em companhia dos grandes escritores russos do século XIX.

O que fez este grupo de franceses foi substituir as iniciativas pessoais daqueles que, amantes da literatura e do turismo de fruição cultural, desejavam fazer viagens literárias e se documentavam, antes de partir, sobre os escritores que celebraram cidades, regiões e

⁵ No catálogo de 1989, havia cerca de cinquenta e dois destinos literários possíveis.

⁶ A União Soviética (URSS) dissolveu-se a 25 de Dezembro de 1991.

paisagens. Munidos dos seus livros, esses “turistas literários” partiam nos passos da literatura.

Intimamente ligadas a este tipo de viagens, encontramos as visitas às residências dos escritores. Gaston Bachelar (1971) afirma que a casa, mais do que a paisagem, é um estado de alma. Neste sentido, as casas dos escritores estão enraizadas não só na realidade, simbolizando uma época, uma região e mostrando objectos pessoais, mas estão, também, presentes no nosso imaginário e na nossa cultura.

A expressão “casa de escritores”, no seu sentido mais restrito, prende-se com a ideia do local onde nasceram, viveram (durante mais ou menos tempo) e escreveram autores consagrados. Contudo, a casa não é, necessariamente, «*sa maison natale, ni celle où il a passé la majeure partie de sa vie, beaucoup d'écrivains ayant été d'incessants voyageurs*» (<http://litterature-lieux.com/contact/questions-frequentes.asp>, 10/10/2006).

Esta noção pode ser estendida à de “sítio literário”, e aí podemos incluir, para além da residência propriamente dita, outros locais, como paisagens, cafés, bibliotecas ou museus dedicados aos escritores. Assim, um “sítio literário” pode ser «*une maison d'écrivain, un lieu fictionnel nommé ou inventé par l'auteur et situé dans un pays réel (...), un lieu de vie temporaire qui a compté dans l'oeuvre d'un écrivain (...), un lieu où sont conservés des manuscrits littéraires et des livres possédés par l'auteur (...) un musée évoquant la mémoire et l'uvre d'un écrivain (...)*» (<http://litterature-lieux.com/contact/questions-frequentes.asp>, 10/10/2006).

O que torna um “sítio literário” numa atracção turística? De acordo com Herbert (2001), por exemplo, não basta uma casa-museu ter sido o berço de um escritor. Existem qualidades excepcionais da casa que, adicionadas a qualidades gerais do local a transformam em atracção turística. No que diz respeito às qualidades excepcionais do “sítio literário”, o autor refere aquelas que estão intimamente relacionadas com a vida do escritor (como o seu nascimento ou um outro acontecimento marcante) ou, ainda, com a sua obra, nomeadamente com a descrição do local visitado, o que lhe confere um significado especial e único. Outras qualidades de excepção do sítio, desta vez mais ligadas a valores afectivos, poderão ser, por exemplo, o poder que o local tem de evocar memórias nos visitantes, de relembrar histórias, livros ou autores que foram lidos na infância.

Acrescentam-se, por outro lado, as qualidades gerais do local, ou seja, tudo o que este tiver para atrair o visitante. Estas qualidades enriquecem o “sítio literário” do ponto de vista turístico e podem estar

relacionadas, por exemplo, com acessos, como estradas, monumentos, paisagens próximas do local ou *facilities* (desde lojas de recordações até restaurantes e cafés). Podemos acrescentar que todas estas qualidades vão participar na experiência turística. Herbert (2001) conclui que será o balanço entre as características excepcionais e as gerais que constituirá o sucesso turístico de um “sítio literário.”

Sintetizando todos estes conceitos complementares, surgiu, também em França, *Terres d'Ecrivains* (Terra de Escritores). No site desta organização (<http://asp.terredecrivains.com>, 1/01/2005) são sugeridas visitas a inúmeros “sítios literários”, dos mais prestigiados aos mais insólitos. O que propõem é descobrir a literatura através dos lugares e dirigem-se a turistas, estudantes, professores, escritores ou simples amantes da literatura. A duração dos itinerários⁷ procura respeitar o ritmo de cada um, oferecendo-se percursos com durações diversas.

Em França, há cerca de duzentos e oitenta “sítios literários”⁸, consultáveis a partir de um mapa de França e suas regiões, *on-line*, e de uma lista de locais geográficos. Este repertório de endereços constitui a primeira etapa de um projecto de inventário de lugares que a *Fédération des Maisons d'Écrivains & Patrimoines Littéraires*⁹ está a levar a efeito a fim de dar a conhecer e difundir as casas dos escritores franceses e o património literário francês. Os circuitos literários propostos associam as casas dos escritores aos locais de escrita e sugerem, ainda, hotéis, cafés e restaurantes literários, bem como acontecimentos da mesma natureza. Os interessados podem, também, ter acesso a guias literários e outra bibliografia que interliga turismo e literatura.

Um dos vários circuitos propostos é “Nantes e Júlio Verne” (<http://asp.terredecrivains.com/TE2001/balade.asp?id=5>, 1/01/2005).

Partindo do facto de que a cidade de Nantes e seus arredores foram a região da infância do autor das *Voyages Extraordinaires*¹⁰, sugere-se a realização de uma viagem literária, começando no Museu

⁷ As propostas dividem-se em “*Programmes de Lire et Partir*” e “*Les Idées Balades de Terres d'Écrivains*”.

⁸ Existem, também, cerca de cento e cinquenta estabelecimentos, que possuem fundos literários, e cinquenta e nove museus, classificados e controlados, que dizem respeito à literatura. Estes dados foram fornecidos pelos recenseamentos mandados fazer antes de 2000 (Lignac, 2003).

⁹ Federação das Casas dos Escritores e Patrimónios Literários. Consultar o endereço <http://litterature-lieux.com>.

¹⁰ Do conjunto das Viagens Extraordinárias, de Júlio Verne, lembremos livros como *Da Terra à Lua*, *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, entre outros.

Júlio Verne e continuando através de uma série de locais ligados à vida do escritor.

3.2. TURISMO LITERÁRIO EM PORTUGAL

Se em Portugal não existem ainda agências de viagens e turismo que promovam viagens literárias como em França e noutros países da Europa e do resto do Mundo, vários têm sido os passos dados no sentido de interligar Cultura, Turismo e Literatura, aprofundando o gosto por estas áreas e pela Língua Portuguesa, defendendo a identidade cultural, nas suas diversas formas, contribuindo para a sua defesa, e promovendo, ao mesmo tempo, o turismo cultural e, especificamente, o “turismo literário”.

Como escreveu o Delegado Regional do Norte para a Cultura (2000), aquando do lançamento do projecto “Viajar com... Aquilino Ribeiro”, *“o encanto da leitura, o prazer e o gosto de sentir um romance, um poema, um conto ultrapassa a admiração pela capacidade do criador nos seduzir com a sua arte; tem, também, a ver com o sentirmos que tudo isso se relaciona com os espaços e tempos, com territórios, com gente e seus costumes, identidade cultural que nos faz terra, região, povo, enfim, registada pelo génio dos nossos escritores”* (Almeida, 2000: 113).

As iniciativas que se têm vindo a tomar pretendem relacionar as obras literárias e os seus autores com as viagens e o turismo, promovendo, deste modo, lugares mágicos imortalizados pelas palavras dos escritores e poetas.

Neste sentido, o sistema de ensino pode desempenhar um papel fundamental. As escolas (dos Ensinos Básico, Secundário e Superior, e, particularmente, os professores de Língua, Literatura e História de Portugal) podem fomentar diversas actividades, das quais podemos destacar a realização de viagens de estudo que se convertem em “percursos turístico-literários”. Na perspectiva da procura turística, os públicos escolares são fundamentais para os equipamentos culturais, tanto em termos educativos como económicos. Por outro lado, no que diz respeito à oferta, para se poder acolher convenientemente este público é necessário planificar e construir uma oferta adaptada.

Compilando o fruto de um trabalho ao nível da planificação de viagens de estudo de alunos do ensino secundário, duas docentes deste nível de ensino escreveram um livro a que deram o nome de *Itinerários Literários, Viajando pela Literatura Portuguesa* (Azevedo e Braga, 1994). Aí se propõem seis roteiros literários em Portugal:

“Percurso Garrettiano”, “Camilo e a Casa de S. Miguel de Seide”, “O Porto Romântico”, “Lisboa Queirosiana”, “Sintra Queirosiana”, e “Eça e a Casa de Tormes”. Apresenta-se, também, uma viagem de três dias que se intitulou “Percurso dos Trovadores”, que começa em Portugal e se dirige para Santiago de Compostela, explorando, essencialmente, o Caminho de Portugal, na tradição de mil anos de história.

Do mesmo modo, o Ministério da Cultura, através das suas delegações regionais, em cooperação com as câmaras municipais e as fundações e centros de estudos literários, tem vindo a apoiar e desenvolver projectos culturais e turísticos e iniciativas no sentido da promoção das regiões e escritores que, de uma forma ou de outra, a elas estão ou estiveram ligados.

Uma dessas iniciativas ficou ligada à criação de “rotas literárias”. Uma rota é um caminho que se foi delimitando, ao longo dos tempos, por aqueles que, em busca de novas experiências, traçaram trajectos que foram criando vínculos com os lugares por onde passaram. Esses viajantes geraram, assim, grandes rotas, tais como o Caminho de Santiago, a Rota da Prata, entre outras, e deixaram marcas nos espaços, estabelecendo novas vias de conhecimento, de vida e de sentir.

As rotas podem, também, relacionar-se com a literatura nacional ou internacional. De acordo com a *Fédération des Maisons d'Écrivain & des Patrimoines Littéraires* francesa, uma rota de escritores é «*un ensemble de lieux littéraires dans un espace géographique donné (...), un parcours lié à un écrivain qui situe son oeuvre dans un territoire donné (...).*» (<http://litterature-lieux.com/contact/questions-frequentes.asp>, 10/10/2006).

Em Portugal, a 23 de Setembro de 2002, a Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC) fomentou a assinatura de um protocolo entre as câmaras municipais dos núcleos da chamada “Rota dos Escritores”. A CCRC pretendia dar a conhecer, através da “Rota dos Escritores”, os autores que transpuseram para o papel, com criativa originalidade, a Região Centro, tão importante pela sua história, pela diversidade e beleza da natureza e pelo rico património cultural. A primeira rota contemplava, essencialmente, escritores do século XX, que se destacaram na sua relação com as gentes e terras da Região e que renovaram a nossa forma de expressão e o nosso imaginário, redesenhando os contornos da nossa identidade colectiva. Foram os seus livros que estimularam a investigação e difusão da sua vida e obra e levaram, também, à intervenção, através da qualificação de espaços e realização de infra-estruturas, no sentido da recuperação e divulgação

dos lugares onde habitaram e escreveram ou que ficaram imortalizados através das suas obras. Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Carlos de Oliveira e Eugénio de Andrade foram os escritores escolhidos para integrar esta rota.

Entre os objectivos a atingir, destacava-se o de “criar um produto cultural sustentável e auto-financiável, de qualidade, que através do turismo cultural fomentasse o desenvolvimento regional” (http://www.rotadosescritores.org/projecto_objectivos.html, 17/03/2003).

A “Rota dos Escritores” pretendia ser um projecto de dinamização e intervenção cultural com importância decisiva na divulgação da Literatura Portuguesa, mas, também, no fortalecimento da auto-estima das populações, que podiam ver reabilitados e aproveitados espaços fundamentais da sua identidade e criados roteiros turísticos que dessem a conhecer as suas regiões. Projectos desta natureza deveriam ser desenvolvidos a nível de outras regiões do país.

Por outro lado, aquelas que foram, em tempos idos, as casas de alguns dos grandes vultos da Literatura Portuguesa têm sido recuperadas, também, dentro deste espírito. A forma mais comum de aproveitamento cultural e turístico desse património é a sua transformação em museus. Encontramos, deste modo, as chamadas casas-museu. Mas, também, descobrimos algumas excelentemente aproveitadas para outros fins intimamente ligados ao Turismo, como é o caso do turismo no espaço rural (TER) ou a hotelaria.

Conseguindo, de forma harmoniosa, conjugar estas duas vertentes, podemos mencionar, a título exemplificativo, a Casa Teixeira de Pascoaes, que se situa em S. João do Gatão, a três quilómetros de Amarante, frente à Serra do Marão e junto ao rio Tâmega. Neste belo solar do século XVII, viveu e morreu um dos mais notáveis poetas (e filósofos) portugueses.

A casa proporciona, a quem a visita, para além de um agradável turismo de habitação¹¹, uma vertente cultural inestimável.

¹¹ Este solar é Turismo de Habitação desde 1993. Pode-se visitar o quarto do poeta, onde tudo parece permanecer como ele deixou, a biblioteca e a varanda onde escrevia os seus poemas (*Marânus*, por exemplo) e de onde podemos observar a lavada atmosfera bucólica do Marão, e passear pelos mesmos locais por onde o poeta andou, em especial a Fonte do Silêncio, seu local preferido. Uma atmosfera inebriante e poética respira-se em cada canto, de onde julgamos poder ver aparecer outros grandes vultos da arte e literatura portuguesas. A casa de Pascoaes foi sempre uma casa aberta a muitos amigos do poeta e da família, dos quais se destacavam: Raul Brandão que vinha com a mulher passar alguns meses; o pintor António Carneiro, o escultor António Duarte, José Régio e Sebastião

Outras casas foram transformadas em museus, como é o caso da Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Seide, concelho de Vila Nova de Famalicão. Uma visita à casa é um convite renovado à leitura do grande escritor, pois inúmeras são as marcas explícitas da relação profunda entre o autor e o espaço onde viveu desde o Inverno de 1863 até à sua morte trágica em 1890, “*como se o seu espírito continuasse no escritório a febril criação das suas intermináveis noites de insónia, ou como se o seu corpo mirrado pela dor oscilasse ainda ao sabor de um balanço que a mão do Destino prolongasse dolorosamente por toda a Eternidade.*”¹².

Actualmente, após obras de restauro, a evocação do escritor faz-se através da reconstituição de ambientes de época. A casa conserva, na sua essência, a atmosfera doméstica romântica, recriada a partir de objectos pessoais do escritor, procurando reproduzir a memória do lugar, para lhe conferir um *sense of place*, ou *sense of nostalgia* (Herbert, 2001: 314), indispensável a qualquer casa-museu.

A Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e o Centro de Estudos Camilianos desenvolveram um projecto de reestruturação da área envolvente à casa, com o objectivo de criar, em Seide, um pólo de atracção turístico-cultural. Em 2005, o Centro de Estudos Camilianos foi deslocado para Seide, situando-se, desde essa data, em frente à Casa-Museu de Camilo¹³.

Este espaço permite, à casa-museu, articular a cultura com o turismo e atrair novos públicos, pois possibilita a realização de múltiplas actividades, como por exemplo, congressos, exposições temáticas, a promoção de recitais de piano, a projecção de cinema, o patrocínio na edição das obras de Camilo e a participação da Casa-Museu em

da Gama, que eram hóspedes regulares da casa, assim como Miguel Unamuno, Almada Negreiros ou Sophia de Mello Breyner. Também alguns estrangeiros, como Albert e Beatriz Thelem, que fugidos da Segunda Guerra Mundial, viveram na casa durante oito anos e aí traduziram, para o alemão, as obras do poeta. Visitar a cozinha da casa revela-se uma agradável surpresa, pois, típica e tradicional, é um hino às iguarias da região que aí podem ser apreciadas, a pedido, promovendo a gastronomia local.

¹² *Casa de Camilo – Ceide*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Casa – Museu de Camilo, s/p.

¹³ A realização deste projecto pretendeu criar um complexo cultural respeitante à investigação de temática camiliana, promovendo e apoiando a investigação dos estudos camilianos e criando condições para a sua promoção. Este pólo cultural da Casa-Museu de Camilo, projecto assinado pelo arquitecto Siza Vieira, é composto por diversas valências, de entre as quais se destacam um auditório, uma biblioteca camiliana, uma sala de exposições e uma cafetaria com esplanada.

iniciativas conjuntas com outras entidades, como foi o caso dos roteiro turístico-literário “Viajar com Camilo Castelo Branco”, ou ainda, “Rotas de Escritores”.

As “Rotas de Escritores”, a que já se fez alusão, podem desempenhar um papel fundamental na valorização cultural e turística dos concelhos envolvidos nesses projectos, pois unem as regiões e as suas instituições culturais. Esta constatação está de acordo com o que Smith (2003: 25) afirma, quando diz que turismo literário “*can (...) be used as a catalyst for the development of rural or urban tourism*”.

A par destas actividades, podem, ainda, referir-se outras acções de parceria com instituições estrangeiras, nomeadamente com outras casas-museu. Com este tipo de parcerias, pode conseguir-se o intercâmbio de projectos culturais e literários. Simultaneamente, as casas-museu podem investir na cooperação com estabelecimentos de ensino, dando resposta a preocupações de carácter pedagógico.

Ainda no caso específico de Vila Nova de Famalicão, o futuro do turismo literário não passa só pelo dinamismo protagonizado pela casa-museu e pelo seu centro de estudos. O património camiliano é muito vasto e existem outras riquezas que podem ser exploradas, tanto do ponto de vista literário como turístico. Assim, a Câmara Municipal, em conjunto com outras dezassete cidades portuguesas e com o Município do Rio de Janeiro, fundou a “Associação das Terras de Camilo”, cujo objectivo é aproveitar melhor e de forma mais qualificada o património literário e arquitectónico camiliano, uma vez que Camilo teve, “*pelos acasos da fortuna, pela instabilidade do seu temperamento e pela necessidade psicológica de se defender contra os seus próprios fantasmas interiores, uma existência errante*” (Passos de Camilo, s/d: 4). Desde Lisboa, onde nasceu, até S. Miguel de Seide, onde viveu até aos últimos anos de vida, Camilo percorre Vila Real, Vilarinho de Samardã, o Porto e arredores, Coimbra, Viana do Castelo, Braga, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, entre outros lugares, realidades paisagísticas e humanas que podemos conhecer na perspectiva romântica do poeta. Potenciar e dar a conhecer os acervos e memórias camilianas de outras terras pode ser, também, uma forma de promoção turística desses mesmos espaços.

Outras casas, ainda, estão intimamente relacionadas com as lendas que as nossas História e Literatura consagraram. Na cidade de Coimbra, por exemplo, situa-se aquele que foi considerado, pela revista *Hotéis e Viagens* (1999, nº 10: 82), como um dos grandes hotéis da Europa.

A Quinta das Lágrimas e o respectivo palacete pertencem à mesma família desde 1730 e foram transformados em hotel em 1993¹⁴ (*Hotéis e Viagens*, 1999, nº 10: 83). O Hotel da Quinta das Lágrimas encerra as memórias de D. Pedro e D. Inês e de tantos outros que ali vieram em honra do mais intemporal dos amores.

A Fundação Eça de Queiroz, sedeadada na quinta da família, em Tormes¹⁵, alia o projecto cultural e o desenvolvimento de actividades nesse âmbito, ao turismo rural. Este lugar mítico é de referência obrigatória quando se fala de Eça de Queirós e da sua obra, em particular de *A Cidade e as Serras*. Tormes e o concelho vizinho de Resende (do outro lado do Douro) foram regiões que serviram de cenário a diversas obras queirosianas. Inspiraram, por exemplo, a geografia de *A Ilustre Casa de Ramires*, de *Os Maias* (aí se situava a “Quinta de Santa Olávia”), e de *O Crime do Padre Amaro* (pois a primeira paróquia do Padre Amaro era em Feirão).

No seu “Roteiro Queirosiano da Fundação Eça de Queirós”, Campos Matos (1988) realça a importância de Tormes, quando afirma que os grandes escritores immortalizam os lugares com que constroem os seus mundos literários, fazendo deles locais de peregrinação. Neste sentido, Tormes tornou-se num desses sítios.

A visita a Tormes pode seguir o percurso dos heróis do romance (Jacinto e Zé Fernandes). A paisagem que se avista, ao chegar, repousa e delicia¹⁶. O panorama duriense, feito de vales e serranias, cerca Tormes¹⁷ e envolve o viajante de beleza. Chega-se, depois, à vasta avenida de faias e ao largo onde nasce a casa¹⁸, e nela pode, finalmente, entrar-se, ainda pela mão do grande escritor¹⁹.

Esta fundação, com fins culturais, educativos e artísticos, e cujo objectivo principal é perpetuar a memória do escritor, colaborando na divulgação da sua obra e promovendo o seu estudo em Portugal e no estrangeiro, possui um programa de actividades que passa pela intervenção cultural, pelo desenvolvimento da actividade comercial e

¹⁴ O Hotel Quinta das Lágrimas foi inaugurado a 19 de Setembro de 1995.

¹⁵ Fundação Eça de Queiroz, Quinta de Vila Nova – Tormes, Santa Cruz do Douro – Baião.

¹⁶ Querendo, releiam-se os excertos de *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, 4ª Ed., que a seguir se indicam. Para começar, capítulo VIII, pp. 129 -130.

¹⁷ *Op. Cit.*, Cap. VIII, pp. 132, 135-136.

¹⁸ *Op. Cit.*, Cap. VIII, pp. 136-138.

¹⁹ *Op. Cit.*, Cap. VIII, pp. 138-139 (os quartos), p. 140 (a cozinha), pp. 142-143 (a grande sala de entrada), pp. 165-166 e 168 (a capela).

agrícola na região²⁰ e pela actividade turística. Neste ponto, destacam-se as visitas guiadas à Casa e Quinta de Tormes, percursos queirosianos na região de Tormes (Baião e Resende), percursos pedestres, tais como “Caminho de Jacinto”, a partir de Aregos (Estação de Tormes), percursos com o tema “Tormes e os Escritores de Baião” (Eça, Camilo, Soeiro, Redol) e percursos das “Casas dos Escritores”, de momento ao nível das regiões de Entre-Douro-e-Minho e Galiza (Eça, Camilo, Eugénio de Andrade, Teixeira de Pascoaes, entre outros).

Relacionada com a promoção turística, surge a promoção da gastronomia queirosiana, componente que integra duas vertentes distintas, que são a cooperação com os restaurantes da região e a oferta autónoma feita pela fundação. Estas duas vertentes completam-se e são, muitas vezes, promovidas em articulação com a vertente cultural.

Mas os caminhos e roteiros turísticos propostos para a região de Baião não são os únicos que a obra do escritor sugere. Com Eça de Queirós, podemos descobrir, ou redescobrir, outros locais de Portugal que são ainda tão semelhantes aos de hoje. Em Lisboa, podemos examinar lugares que o autor descreveu, como a Rua das Flores, da tragédia com o mesmo nome, o Rossio, o café Nicola, as livrarias francesas, a Brasileira, o romântico Chiado ou, na Praça do Comércio, sentar no Martinho da Arcada. O ambiente romântico de Sintra serviu, também, de cenário à obra do escritor (*Os Maias*, Eça, *O Mistério da Estrada de Sintra*, Ramalho e Eça). Aproveitando esse facto, a Câmara Municipal de Sintra promove, por exemplo, “Itinerários Queirosianos”, acompanhados por especialistas.

Fernando Pessoa soube, como poucos, viver Lisboa. E, pelos seus olhos, talvez nem seja preciso pegar num roteiro turístico para visitar o Chiado, porque, a alguns, mais do que visitar monumentos ou igrejas, apetece desfrutar longas horas sentado na esplanada da Brasileira ou no Martinho da Arcada, simplesmente a ver quem passa.

Também podemos ir a Portalegre descobrir a cidade, criada e recriada por poetas e pintores, que José Régio elegeu como sua terra adoptiva, ou a Vila Viçosa, sítio histórico do distrito de Évora, berço da Dinastia de Bragança e de Florbela Espanca. Ou podemos deslumbrar-nos com as amendoeiras em flor em Freixo de Espada-à-Cinta, vila onde nasceu Guerra Junqueiro. Ou visitar a Casa de Bocage em Setúbal e deliciar-nos com tudo o que a região tem para oferecer. Ou, ainda, passear a pé e sentir a vivência beirã e os ares frescos da serra

²⁰ Reestruturação da vinha, criação de uma marca e promoção e venda do vinho “Tormes”.

a caminho do Fundão, terra de Eugénio de Andrade. Ou recordar Antero de Quental, percorrendo as ruas típicas de uma das mais belas cidades de Portugal, Ponta Delgada. Ou deixar-se repousar sobre si próprio, “esvaziado do que oprime ou inquieta” (Ferreira, 2001), ao contemplar a montanha onde nasceu Virgílio Ferreira. Ou...

Imortalizados nas obras literárias, o património cultural (material e imaterial) bem como o património natural dos lugares de Portugal, poderão ser valorizados através do desenvolvimento do turismo literário, sempre na sua vertente de sustentabilidade.

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Luís (1994); direcção, *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 Volume, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Almeida, Henrique - direcção (1998/2000), *Cadernos Aquilínianos*, Centro de Estudos Aquilino Ribeiro, n.º 6 e n.º 10.
- Azevedo, Elvira; Braga, Zaida (1994), *Itinerários Literários. Viajando pela Literatura Portuguesa*, Rio Tinto, Edições Asa.
- Bachelard, Gaston (1971), *La Terre et la Revêrie du Repos*, Paris, Librairie Jose Corti.
- Beting, Gaziella (2007), “Movido pelas Letras”, *Revista Hospitalidade e Turismo Sustentável*, n.º 21, Agosto, (<http://www.revistahost.com.br>).
- Bonnin, Juc; Fonclare, Amélie (2006), «N'oubliez pas les scolaires», *Espaces*, 235, Mars.
- Butler, Richards; “Literary Tourism”, in Jafar Jafari, *Encyclopaedia of Tourism* (<http://books.google.com/books>)
- Camilo. Ceide* (s/d.), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Casa – Museu de Camilo.
- Casa de Camilo-Ceide*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Casa – Museu de Camilo.
- Chevalier, Jean; Cheerbrant, Alain (s/d.), *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Chirinos, Diana; *Los actores del Turismo Cultural: Una introducción a los avances y perspectivas en su estudio y aplicación*, (<http://www.gestioncultural.org>).
- Coelho, Jacinto (1979), *Dicionário da Literatura*, Porto, Figueirinhas.
- Costa, Henrique (1998); “Artes e Ofícios Tradicionais”, in Pintassilgo, Joaquim e Maria Adelaide Teixeira - Coordenação, *Turismo Horizontes Alternativos*, Actas do encontro realizado na E.S.E. de Portalegre, Edições Colibri.
- Cooper, C. et al. (2001), *Turismo Principios e Prática*, Porto Alegre, Bookman.
- Cunha, L. (1997), *Economia e Política do Turismo*, Amadora, Macgraw-Hill de Portugal.
- Cunha, L. (2001), *Introdução ao Turismo*, Lisboa, Editorial Verbo.
- Dano, Evelynne (2001), “Visitando as Casas dos Escritores”, *Label France*, n.º 43, (<http://www.ambafrance.org.br>).
- Dumont, Elisabeth; Teller, Jacques; Cluzeau, Claude (2005) “Pour une définition européenne du tourisme culturel”, *Espaces*, 231, Novembre, pp. 14 a 17.
- Evasões* (1997/1998/1999/2002), Portugal, Verão, n.º 1; e n.º 11; n.º 54.
- Ferreira, Virgílio (2001); *Escrever*, Lisboa, Bertrand Editora, Lda.
- (Le)Figaro Magazine* (1989), janvier.
- Fortuna, C. (1999), *Identities, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras, Celta Editora.

- Garret, Almeida (1983), *Viagens na Minha Terra*, Porto, Porto Editora.
- Gimblett, Barbara (1998), *Destination Culture: Tourism, Museums and Heritage*, California, University of California Press.
- Henriques, Cláudia (2003), *Turismo Cidade e Cultura, Planeamento e Gestão Sustentável*, Lisboa, Edições Sílabo Lda.
- Herbert, David (2001), "Literary Places, Tourism and the Heritage Experience", *Annals of Tourism Research*, vol. 28, N.º 2, U.K, University of Wales Swansea.
- Herbert, David (1996), "Artistic and Literary places in France as tourist attractions", *Tourism Management*, Vol. 17, N.º 2.
- Hernandez, F. (2002), *El Património Cultural: la memoria recuperada*, Gijon, Ediciones TREA.
- Hotéis & Viagens*, (1999), n.º 3, Outubro e Dezembro.
- ICOMOS - International Council on Monuments and Sites (1976), *ICOMOS Cultural Tourism Charter* (first version), Paris, ICOMOS.
- Lignac, Florence (2003), "Maison d'écrivains & patrimoines littéraires: un réseau en devenir", BBF, n.º 2, (<http://bbf.enssib.fr>).
- Passos de Camilo, 1825-1890*, Catálogo da Exposição "Passos de Camilo" (s/d.), Organização da C. M. de V. Nova de Famalicão, Casa – Museu de Camilo, Centros de Estudos Camilianos e Fundação Cupertino de Miranda.
- Paulo II, João, (1996), *Angelus*, edição portuguesa de *L'Osservatore Romano*, 27 de Julho, (<http://www.vatican.va>).
- Pintassilgo, Joaquim; Teixeira, Maria (1998); *Turismo, Horizontes Alternativos*, Actas do Encontro realizado na ESE de Portalegre, Edições Colibri.
- Prestige* (2000), n.º 6, Janeiro, Fevereiro e Março.
- Queirós, Eça (s/d.), *A Cidade e as Serras*, 4ª edição, Lisboa, Ed. Livros do Brasil.
- Ribeiro, J. (1997), "Património Cultural Português. Problemas. Mundividências. Atributos", in *Património Edificado*, Actas dos Encontros promovidos pelo IPPAR e pela UCP, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.
- Richards, G. (1996), *Cultural Tourism in Europe*, Wallingford, CABI International.
- Rotas & Destinos, O Prazer de Viajar* (1997), n.º 223, vol.2, Abril.
- Runa, Lucília; Rodrigues, Miguel (1998), "Turismo e Fruição Cultural", in Pintassilgo, Joaquim e Maria Adelaide Teixeira – Coordenação, *Turismo Horizontes Alternativos*, Actas do encontro realizado na E.S.E. de Portalegre, Edições Colibri.
- Saramago, José (1998), *Viagem a Portugal*, Lisboa, Editorial Caminho, S. A.
- Smith, Karen (2003), "Literary Enthusiasts as Visitors and Volunteers", *International Journal of Tourism Research*, 5.
- Squire, Shelagh (1996), "Literary Tourism and Sustainable Tourism: Promoting 'Anne of Green Gables' in Prince Edward Island", *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 4, n.º 3.
- Urry, J. (1996); *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*, London, SAGE.
- Velho, Paula (2004), "Turismo com Rotas Culturais", *Diário de Notícias*, 2 de Novembro, (*On line* - <http://www.dn.sapo.pt>)
- Verne, Júlio (2003), *Viagens Extraordinárias*, Barcelona, RBA Coleccionables, S. A.

Sítios na Internet

- <http://www.acamfe.org>
- <http://www.anmp.pt>
- <http://asp.terresdecrivains.com>
- <http://www.cm-sintra.pt>
- <http://www.cm-vnfamalicao.pt>
- <http://www.douronet.pt>
- <http://feg.pt> (Fundação Eça de Queirós)
- <http://francparler.org>
- <http://icomos.org>

<http://instituto-camões.pt>
<http://www.ipmuseus.pt>
<http://www.janeaustenmuseum.org>
<http://www.litterature-lieux.com>
<http://www.revistahost.com.br>
<http://www.rotadosescritores.or>
<http://www.rpmuseuspt.org>
<http://www.unesco.org>
<http://www.vatican.va>
www.viajar.com.org
<http://www.world-tourism.org>